

VIVENDO UM DESTINO COMUM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA PARTICIPATIVA ATRAVÉS DO PLANEJAMENTO TRANSDISCIPLINAR PARA A REALIZAÇÃO DE UMA VIAGEM TÉCNICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Autores: Edildéa Guimarães de Santana, edildea123@hotmail.com; Flavia Souza da Silva, flaviass.souza@gmail.com; Hércules Azevedo da Silva, herculesazevedo@hotmail.com;

Instituições vinculadas aos autores e colaboradores:

Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), Superintendência da Educação Profissional (SUPROF) e Centro Estadual de Educação Profissional da Bahia (CEEPBA).

RESUMO:

O texto relata a experiência de construção metodológica transdisciplinar e participativa para a realização de Viagem Técnica (VT) na Educação Profissional (EP), do Centro Estadual de Educação Profissional da Bahia (CEEP-BA). A VT, ferramenta pedagógica indispensável na formação dos estudantes da EP, compõem-se de vivências, relacionando teoria e prática, socialização de saberes e o diálogo transdisciplinar necessários à inserção do humano no mundo contemporâneo. Resultante de uma ação coletiva, a VT procura fundamentar seu processo de estudo na pesquisa participante tendo como referencial metodológico do ensino-aprendizagem a busca do conhecimento e sua pertinência, a contextualização, o educar para compreender e o desenvolvimento da consciência planetária, cujo percurso inicia-se na semana pedagógica, se desenvolvendo nas atividades complementares, reuniões de orientação com estudantes, culminando com a realização da VT e sua reflexão de forma transdisciplinar. Realizar a VT possibilita a reflexão, ação e compreensão do conhecimento em seus aspectos complexos, colaborando para construção de uma visão de mundo antropológico e planetária, além da socialização do saber.

Palavras Chaves: Viagem Técnica; Metodologia Participativa; Conhecimento; Transdisciplinaridade; Consciência Planetária.

O Relato de experiência aqui compartilhado tem como fonte, as reflexões sobre as metodologias empregadas no ensino dos Cursos Técnicos da Educação Profissional ofertadas pelo Centro Estadual de Educação Profissional da Bahia – CEEP-BA, localizado no bairro da Calçada em Salvador (BA), no âmbito do Eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer. Experiências do labor pedagógico do Coletivo de Professores de diversas disciplinas previstas na matriz curricular, da referida unidade de ensino.

Destacam-se neste texto, as atividades de campo, mais especificamente a Viagem Técnica - VT que faz parte do percurso formativo dos alunos nos Cursos Técnicos em Guia de Turismo, Hospedagem, Eventos e Cozinha. Essa é a segunda Experiência que utiliza a referida metodologia nas atividades práticas do CEEP-BA, como aprimoramento da pesquisa participante¹ e complemento da formação dos estudantes, portanto, a VT converte-se em espaço de aprendizagem privilegiado para a aquisição do conhecimento, aqui compreendido, como nos diz MORIN (2014, p. 1).

O conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade. O conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução. Mesmo no fenômeno da percepção em que os olhos recebem estímulos luminosos que são transformados, decodificados, transportados a outro código, e esse código binário transita pelo nervo ótico, atravessa várias partes do cérebro e isto é transformada em percepção, logo a percepção é uma reconstrução.

Neste sentido, o processo de planejamento, desenvolvimento/execução e de reflexão das atividades de campo podem contribuir do ponto de vista pedagógico e metodológico para o estabelecimento de um diálogo que supere a lógica disciplinar formal por um processo de busca do conhecimento transdisciplinar entre os vários componentes curriculares, sejam os do núcleo Específico, Geral ou Comum, originando assim, o aprendizado teórico-prático de forma contextualizada², flexível, ampla e/ou direcionada, conforme define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB n.º 9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio – DCN e a Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012.

As Legislações citadas incentivam o aprendizado teórico-prático e as Viagens Técnicas colaboram essencialmente com este princípio. Para transformar a VT em realidade, segundo a metodologia aqui relatada, destacam-se as seguintes ações: a forma de preparação e seleção de objetos e conteúdo de estudo, numa metodologia dialógica e participativa, envolvendo toda a comunidade escolar; o desenvolvimento de estratégias que ampliam o fluxo de conhecimento (sujeito/objeto), e pós-atividades que permitam análise e reflexão dos conhecimentos.

A adoção dessa metodologia exigiu da equipe gestora, pedagógica e dos professores da instituição de ensino, pensa-la desde o começo do ano letivo. No caso do CEEP-BA, deu-se início na Jornada Pedagógica, com a reflexão e elaboração das ferramentas de planejamento institucional que culminaram no Plano de Ação, alinhadas ao Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e as

diretrizes da Superintendência de Desenvolvimento da Educação Profissional – SUPROF e da Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC.

Durante o ano letivo, aconteceram os encontros das Atividades Complementares - ACs (já estabelecidas por lei, como horário de planejamento dos docentes) que foram primordiais para o estabelecimento de diálogos e sensibilização entre os professores e seus componentes curriculares. Buscou-se nesses momentos, construir espaços de planejamento de forma sinérgica, levando em conta as questões complexas conforme diz Morin¹, a fim de antecipar a execução da Viagem Técnica e projetar a reconstrução coletiva da realidade que encontrou *in loco*. Sensibilizados, os docentes motivaram os estudantes a participarem da VT através das suas aulas.

Aconteceram também reuniões extras para orientações dirigidas aos docentes e discentes, para discutir e definir propostas de trabalho a serem desenvolvidas: orientação de conduta, objeto de estudo, procedimentos de trabalho e da viagem, além de definir sobre a pesquisa, estudo, objetivos da VT, pontos a serem investigados e as informações prévias sobre o destino, tempo de realizações de roteiros e caminhadas, condições geográficas e de segurança do local a circular, a fim de evitar transtornos físicos e ameaças a integridade do grupo.

Ressalta-se ainda, nesta etapa, a geração de material específico que o processo pede, a exemplo: programação apropriada, manual de conduta, termo de compromisso, matriz de observação e anotações, avaliação médica, questionários para aplicar com comunidade, turistas, Secretaria de Turismo local e/ou outras entidades. (Modelos em anexo)

É importante salientar que os assuntos abordados numa Viagem Técnica devem ser tratados de forma dosada e equilibrada, observando o que realmente é viável a ser explorado, pois o não cumprimento desse item pode inverter o sentido da atividade, deixando-a cansativa, com objetivos confusos e dificultando o processo ensino-aprendizado e o retorno esperado. Por isso, foi necessário que os professores se reunissem, estudassem e planejassem o itinerário e atividades que iriam realizar durante o percurso.

A equipe de professores, durante o planejamento, se responsabilizou ainda pelo agendamento das visitas aos atrativos locais, com guias de turismo e enviar ofício da escola, solicitando isenção no pagamento das entradas aos locais a serem visitados, como também programar entrevistas com líderes locais.

Tomou-se o cuidado de criar um roteiro com atividades pedagógicas de campo a serem observadas durante a viagem para que os estudantes e professores participantes tivessem ciência e refletissem sobre o que deviam ver e fazer na VT, evitando, na medida do possível, a improvisação. Esta medida foi adotada com o propósito de familiarizar os participantes com a proposta da atividade de campo, mas considerando que o roteiro é passivo de mudanças, de acordo com os imprevistos ou necessidade do grupo em campo.

No planejamento do roteiro, o tempo previsto para as atividades e lugares a serem explorados, foi pensado de maneira a permitir momentos de descanso e de assimilação dos alunos sobre os conteúdos vistos em campo, respeitando assim, o perfil do alunado que frequenta a Educação Profissional, principalmente o da Educação de Jovens e Adultos – EJA, por se tratar de pessoas com idade acima de 18 anos, alguns idosos que retornaram à sala de aula, sem preparo e condicionamento físico para realizar caminhadas longas durante a viagem.

Entre os elementos que colaboraram para o processo de aprendizado dos alunos e com a construção da VT, podemos citar: a) levantamento bibliográfico; b) guiamento dos lugares (o que proporcionou aumento do comprometimento com o processo pedagógico, o nível de pertencimento). Vale salientar que coube aos professores nas atividades em classe, oferecer os momentos educativos para prepara-los no sentido de assumir suas responsabilidades e protagonismo.

Durante o percurso de viagem, dentro do ônibus, os alunos tiveram espaço para exercitar técnicas aprendidas para a realização de sua profissão e desenvolvimento de habilidades profissionais, demonstrando-as uns para os outros. Isso, no entanto, não retirou a necessidade de contratação de guias de turismo locais, essenciais para conhecer o destino de maneira formal e para circular com segurança, visto que os estudantes, segundo a legislação trabalhista, não podem exercer ainda a profissão de guia em todo percurso.

Como prática do cotidiano da VT existe uma preocupação em valorizar e respeitar as comunidades locais, preservando e conservando o patrimônio cultural e natural do território em estudo, observando culturas diversas e suas formas de apresentação com zelo e curiosidade. O princípio básico de orientação é que as diferenças formam o todo necessário para constituir o planeta ideal. Consciência planetária.

Destaca-se também o cuidado com tipo de vestuário que os alunos utilizaram durante a viagem técnica. Elas devem ser apropriadas conforme a temperatura, clima e relevo do lugar a ser visitado, de forma a deixar os estudantes confortáveis, para sua vivência e aprendizado.

Pensa-se em melhorar este aspecto, visto que, a farda usada no cotidiano pelos alunos nem sempre proporciona conforto e nem são as mais indicadas para uma viagem técnica, por exemplo, a realizada ao litoral norte baiano, com temperatura média de 30°. Ela tem tecido quente, com manga curta, gola justa e inconveniente, dificultando o bem-estar para concentração, circulação, prática de pesquisa e aquisição do conhecimento. Trajes específicos como os que ocorrem para os cursos de Educação Física das escolas, por exemplo, devem ser ofertados para os estudantes dos cursos como os de Guia de Turismo, uma sugestão seria: bermuda na altura do joelho, de material leve (tactel, malha ou elanca), camiseta regata, de cor clara e sapatos apropriados para caminhadas na praia, sob o sol ou trilhas ambientais. Calça comprida de material leve e flexível, camisa de manga com proteção UV, de cor clara, tênis e meia, para os casos das trilhas em reservas florestais etc.

A alimentação para os alunos durante a viagem foi outro item que teve que ser pensado com cuidado, pois, neste caso, o grupo era composto em sua maioria por pessoas de baixo poder aquisitivo, alunos da rede pública que em muitos casos não dispõem de renda que os possibilite custear seu sustento durante a VT. Visto que o projeto deve ser oferecido para todos sem discriminação, é preciso um Plano de Ação que contemple a totalidade dos custos durante a viagem, preservando os estudantes de despesas financeiras.

No âmbito da complexidade do processo participativo, contradições e incompreensões surgem e não devem ser tratadas de forma puramente convencional, disciplinar, como é costume em nossa cultura organizacional e pedagógica que reduz tudo a pura e simples consulta ao manual, onde estão previstas as regras a serem aplicados aos que não seguirem as orientações estabelecidas. Assim, precisa-se reconhecer que o rigor ao qual o grupo inicialmente foi submetido, resultou no processo de regulação da viagem amparado pelo manual de conduta, criando regras para disciplinar e viabilizar a convivência do grupo.

Refletindo sobre essa complexidade, constata-se que a criação de regras e a elaboração do contrato de conduta, por si só não garantem obediência, disciplina e/ou cooperação. Há necessidade de abrir espaço para a reflexão e compreensão de situações complexas que podem dificultar as

relações entre professores e alunos em qualquer atividade pedagógica para poder lidar melhor com o inesperado, quando este se apresentar. Também é necessário refletir sobre que importância se atribui a compreensão humana. Vejamos o que nos diz Morin (2014, p. 1).

Nunca se ensina sobre compreender uns aos outros, como compreender nossos vizinhos, nossos parentes, nossos pais. O que significa compreender? A palavra compreender vem de comprehendere em latim, que quer dizer: colocar junto todos os elementos de explicação, quer dizer, não ter somente um elemento de explicação, mas diversos.

A realidade nos impôs refletir e criar novos caminhos, principalmente, quando se acredita na construção de um **ser** mais humano e que se reconhece na relação com seu semelhante. A partir dessa premissa, continuamos nossa jornada em busca do conhecimento, reconhecendo os erros cometidos, tomando ciência das ilusões, munidos de uma perspectiva teórica e metodológica, dialógica e reflexiva, para amadurecer.

Por isso, continuamos na trilha em busca de uma experiência de vida e labor, lastreado em valores democráticos, os quais se estabelecem pela realização de pactos onde os indivíduos se comprometem com o grupo, compreendendo, respeitando e aceitando a si e ao seu semelhante. Neste caso, por exemplo, ao invés de criar um manual com regras de conduta como foi feito no processo de construção da VT, o grupo poderá, em outra oportunidade, realizar uma oficina para construir e pactuar o código de ética da VT.

É importante ressaltar que o grupo experimentou, no decorrer do processo de realização da VT, momentos de expansão do conhecimento, convivência, compreensão e reflexão sobre a percepção através de:

1. Roda de Conversa - durante a viagem aconteceram, várias vezes, para explanação de conteúdo e/ou reflexão sobre as informações coletadas, experiências vivenciadas durante a atividade de campo - partilhas diversas dos saberes e sentimentos entre membros do grupo. A roda de conversa também é uma experiência das relações humanas, estimulando todos no desenvolvimento de ações humanizadas, sinceras, verdadeiras, livres, autênticas e menos robóticas no processo de ensino-aprendizagem - momento em que as emoções afloram e o ser humano é despertado e alimentado para além do conhecimento técnico.
2. Relato de Viagem: Os professores responsáveis pela atividade solicitaram aos estudantes que entregassem antes do retorno à sua cidade de origem, um Relato de Viagem (registro individual por escrito das vivências experimentadas), durante o referido processo pedagógico, de maneira informal, com um olhar pessoal e único.

Os alunos assim registraram e anotaram, ao longo da VT, suas ideias e pensamentos, aproveitando que as experiências, emoções e sentimentos estavam recentes, relatando tudo no papel, sem usar de técnicas de escrita e narrativa formal, apenas deixando fluir os pontos marcantes da VT. Noventa e nove por cento dos estudantes entregaram textos belíssimos, com identidade própria, demonstrando apreensão dos conceitos, ampliação de conhecimentos e gratidão por participar da experiência.

3. Apresentação Oral em grupo: como ferramenta de socialização do conhecimento realizou-se um encontro, no período posterior a VT, onde os estudantes tiveram a possibilidade de relatar suas experiência como sujeitos das atividades nos seguintes aspectos: avaliação dos serviços turísticos utilizados; aprendizagens adquiridas durante processo da VT; conhecimentos que tiveram durante está experiência para a sua formação profissional e pessoal e de que forma poderão ajudar a comunidade visitada, no âmbito de sua formação escolar/técnica. Para executar as atividades, os estudantes, precisaram selecionar registros fotográficos, criaram slides e relataram oralmente as experiências e conhecimentos adquiridos.

Vale salientar que o percurso formativo e de pesquisa não se encerram com o fim da VT, ele prosseguiu através da produção de trabalhos: elaboração de propostas de projetos de pesquisa e intervenção social, confecção de álbuns, vídeos, material informativo, maquetes entre outros que surgiram a partir da experiência vivenciada, ações que contribuiriam para uma cidadania planetária.

Percebe-se ainda, que através da vivência do uso da viagem técnica como metodologia para o aprendizado dos alunos dos Cursos Técnicos da Educação Profissional do CEEP-BA, que desde o princípio de sua preparação até o final efetivo da atividade, os alunos demonstraram envolvimento, melhoraram sua autoestima, criaram uma maior facilidade para o entendimento dos componentes curriculares - pela sua contextualização e vivência -, apropriaram-se do conhecimento e empoderamento³, produzindo trabalhos de forma mais motivada, humana, espontânea, criativa, reflexiva e crítica.

Conclui-se que a metodologia aqui apresentada segue seu curso em busca de caminhos para a construção de um novo olhar e novas atitudes no processo educativo. Desse modo, o planejamento participativo, a busca do conhecimento e de sua pertinência, superando e convivendo com erros e ilusões, fazendo o reconhecimento da identidade humana planetária - em um espaço muito maior do que aquele no qual o indivíduo esta inserido, o desenvolvimento de relações humanas centradas na compreensão e o trabalho pedagógico de forma multidisciplinar se constitui no propósito do grupo

de professores do CEEP-BA para realização da docência, aprendizado do grupo, contribuição com o cosmo e pessoas as quais convivemos. Enfim, a colaboração para um mundo melhor, para o elemento humano que está em nós e no próximo.

¹ Para dar suporte ao processo de planejamento de forma coletiva utilizamos como referência as noções do denominado Planejamento Participativo. A este respeito ver: ANDRADE, Hilda Fadiga de. Planejamento Participativo. Disponível em: <<http://www.novasociedade.com.br/conjuntura/artigos/hilda1.htm>>.

² Aqui entendida como nos diz MORIN, ver: **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>, acesso em 16/03/2014.

³³ Segundo Baquero (2012, p.174).

O neologismo “empoderamento” está, no entanto, consignado no Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea das Ciências de Lisboa e registrado no Mordebe – Base de Dados Morfológica do Português. O termo é um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder.

Neste sentido, o processo de busca do conhecimento possibilitado pela VT devem ser pensadas, o que contribuiu para a obtenção de conhecimento e seu alargamento do ponto de vista da comunidade escolar. Disponível em <file:///D:/Usuario/Downloads/26722-109718-1-PB.pdf>, acesso em 16/03/2016.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Hilda Fadiga de. Planejamento Participativo. Disponível em: <<http://www.novasociedade.com.br/conjuntura/artigos/hilda1.htm>>.

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 6, DE 20 DE SETEMBRO DE 2012, disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>, acesso em 21/03/2016.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D. O. U. de 23 de dezembro de 1996.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual**. Revista debates, v. 6, n. 1, p. 173, 2012.

COLABORADORES

Rafael Copello, rafaelcopello@gmail.com;

Stella Márcia de Santana, stellamarciass@ig.com.br.

APÊNDICES

MODELO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO

CURSOS TÉCNICOS EM HOSPEDAGEM E EM GUIA DE TURISMO

TURMAS: V4GT – V2GT – PN4GT – PN5GT – 2GT – PN4TH – PN3TH

Matriz de observação:

1. Avaliação dos elementos observados:

Legenda: Péssimo = 0% Ruim 10% Bom=50% Ótimo=80% Excelente=100%

1.1 Atrativos turísticos (naturais e culturais):

- a) **Avaliar estado de conservação do conjunto de atrativos naturais:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- b) **Avaliar estado de conservação do conjunto de atrativos culturais:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- c) **Avaliar acesso (entrada aos monumentos, igrejas, museus, parques, trilhas...):**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- d) **Conscientização da necessidade de conservação ambiental, da comunidade local:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- e) **Conscientização da necessidade de conservação ambiental, dos turistas:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- f) **Conscientização da necessidade de conservação ambiental, dos empresários turísticos:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()

1.2 Equipamentos turísticos:

- a) **Quais equipamentos turísticos existem no local?**
 () Meios de hospedagens () transportes turísticos () agências de viagens () lazer e entretenimento
 () informação turística () alimentos e bebidas () outros _____
- b) **Listar de forma genérica, o nome de alguns dos equipamentos turísticos encontrados.**
-
- c) **Avaliar quantidade do conjunto de equipamentos turísticos existentes.**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- d) **Avaliar qualidade do conjunto de equipamentos turísticos existentes.**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- e) **Avaliar sinalização e divulgação.**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()

1.3 Avaliação da infra - estrutura básica:

- a) **Segurança:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- b) **Limpeza:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- c) **Sinalização:**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()
- d) **Estrutura de saúde (posto de médico, dentário...):**
 Péssimo () ruim() bom() ótimo () excelente()

**MODELO PESQUISA A SER REALIZAR NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM UTILIZADOS PELOS ESTUDANTE DO
CEEP – BA**

(Pousada Sauípe – em Porto Sauípe)

Objetivo: investigar a estrutura organizacional dos meios de hospedagem

1. Quais os setores existentes nos meios de hospedagem utilizados pelos estudantes do CEEP-BA na viagem técnica?

2. Quais os serviços oferecidos?

3 Quantos funcionários tem no estabelecimento?

4 Regras do estabelecimento:

5 Avaliar café da manhã

Péssimo () ruim () bom () ótimo () excelente ()

6 Avaliar qualidade do atendimento nos meios de hospedagem

Péssimo () ruim () bom () ótimo () excelente ()

7 Avaliar localização do estabelecimento

Péssimo () ruim () bom () ótimo () excelente ()

MODELO QUESTIONÁRIO PARA APLICAR COM VISITANTES – TURMA PN4TH

1. Quais atrativos você visitou em Porto de Sauípe?

2. Como você avalia os serviços turísticos de Porto de Sauípe?

3. Qual a sua opinião sobre as manifestações culturais e artesanato local?

Péssimo () Ruim () Bom () ótimo () Excelente () Desconhecido ()

4. O que achou da gastronomia local?

Ruim () Bom () ótimo () Excelente () Desconhecido ()

5. Qual o seu nível de satisfação com o meio de hospedagem utilizado?

Ruim () Bom () ótimo () Excelente () Desconhecido ()

6. Os preços dos produtos no município, são satisfatórios ou abusivos?

Sim () Não () Por quê?

7. Sugestões para melhorar turismo no local:

MODELO DO REGULAMENTO

1. Os professores presentes terão a responsabilidade de conduzir as decisões sobre quaisquer problemas que venham ocorrer durante uma visita técnica.
2. Os horários de início e término da visita deverão ser rigorosamente respeitados por todos os participantes, professores e alunos.
3. Todos os participantes deverão ir e retornar (embarcar e desembarcar) juntos, no mesmo horário, utilizando o transporte designado.
4. O aluno não poderá se afastar do grupo durante a visita.
5. Bebidas alcoólicas são proibidas:
 - 5.1 - Os excessos serão tratados perante as medidas cabíveis no regimento do CEEP-BA;
 - 5.2 - O mesmo se aplica para o uso de substâncias químicas ilícitas;
6. O grupo assumirá inteira responsabilidade pela reposição ou pagamento, por qualquer dano causado no ônibus, na pousada ou no local da visita técnica;
7. Só poderão participar das visitas técnicas aqueles alunos regularmente matriculados nos cursos envolvidos, na atividade interdisciplinar e turmas definidas para atividade de campo/visita técnica;
8. Não será permitida a participação de parentes e amigos, nem de colegas de outros semestres.
9. Alunos que fazem uso de medicamentos contínuos deverão, previamente, preencher ficha de saúde (em caso de crises, procedimento de socorro, etc.) e entregar assinada.

Ciente do Regulamento acima, assino o Termo de Compromisso:

Eu _____ estudante do Curso Técnico de _____ do CEEP-BA, regularmente matriculado no Curso Técnico em _____ na turma _____, ano-_____, declaro conhecer o conteúdo do Regulamento de Visitas Técnicas e assumo o compromisso de respeitá-lo na íntegra.

Salvador, ____ de _____ de 2015.

Aluno (a) _____

MODELO DA FICHA MÉDICA DO ALUNO

NOME _____ TEM ASSINTÊNCIA MÉDICA? SIM () NÃO () QUAL? _____
 RG _____ CPF _____ TIPO DE SANGUE _____
 DATA DE NASCIMENTO _____ TEL RES _____ TEL CEL _____
 FILIAÇÃO: MÃE _____ PAI _____

COM QUEM MORA (GRAU DE PARENTESCO)? _____ NOMES _____
 ENDEREÇO _____

INDIQUE DUAS PESSOAS PARA CONTACTAR EM CASO DE EMERGÊNCIA:

NOME _____ PARENTESCO _____ TELEFONE _____
 NOME _____ PARENTESCO _____ TELEFONE _____

DOENÇAS MAIS COMUNS:

1. ALERGIAS (COMIDAS, REMEDIOS, CONTATOS...): SIM () NÃO ()
 QUAIS? ESPECIFICAR INCLUSIVE TIPOS DE MEDICAMENTO QUE TEM REAÇÃO ALERGICA

2. ESPECIFICAR OUTRAS DOENÇAS:

DIABETE () HIPER TENSÃO () ASMA () REFLUXO () GASTRITE () INTESTINAL ()
 ENXAQUECA () INFLAMAÇÃO NA GARGANTA () DOENÇAS CARDÍACAS () CÓLICAS () GLAUCOMA () PROBLEMAS ORTOPÉDICOS ()
 OUTRAS () QUAIS? _____

E NA FAMÍLIA, QUAIS OS TIPOS DE DOENÇAS MAIS COMUNS? OBSERVE ACIMA E RELACIONE: _____

JÁ FEZ ALGUMA CIRURGIA? SIM () NÃO () QUAL (IS)? _____

FAZ USO DE MEDICAMENTO CONTROLADO? SIM () NÃO () QUAL (IS)? _____

ANEXO

CÓPIA DO RELATO DE VIAGEM DE UMA ALUNA

Ceepsi data
 Aluna: Edna Gonçalves dos Santos turma 2013
 Profe. Gláucia Souza

Relato sobre viagem técnica Porto Saupe / Praia do Forte

A felicidade de estar na minha primeira viagem técnica fez nascer uma expectativa sobre o respeito do que viria pela frente. Quando enfim, a expectativa deu lugar à realidade.

Um lugar rico em belezas naturais, culturais, mas pobre em consciência ecológica e desenvolvimento local, que clama por uma (re)educação e conscientização que resultem no amor ao seu local de nascimento.

Em Porto Saupe amei tudo o que a natureza tocou e embellezou, mas vi também a forma que o homem toca a natureza resultando em degradação e destruição.

O sentimento de pertencimento precisa crescer dentro dos moradores locais para que tenham a cuidar e preservar o que é deles.

Na Praia do Forte, o contraste do som (barulho) resultante do comércio com a calma das ruas populares é facilmente notado e o fato de que o lugar é belamente preservado por que estrangeiros se propuseram a ter a atitude de pertencimento que os moradores locais não tiveram, faz nascer outros sentimentos, pensar de modo positivo em que mesmo estrangeiros de alguma forma veem a preservação local como necessária, vem um questionamento: por que os moradores locais não poderiam desenvolver projetos para que fosse necessário os de fora fazê-lo? Enfim, a oportunidade de conhecer locais e desenvolver consciência crítica, ver com olhos técnicos as visitas dos locais, o conhecimento adquirido continua sendo o mais valioso bem de aprendizagem desta viagem técnica.